

ENSAIO SOBRE A NATUREZA E A FUNÇÃO DO SACRIFÍCIO: Uma Leitura do Antigo e do Novo Testamento

*Jair Gomes de Santana**

Resumo: Este artigo toma o conceito de Hubert e Mauss, sobre o sacrifício e sua função social. Analisa as concepções judaico-cristãs sobre o sacrifício, nos textos sagrados do Antigo e Novo Testamento. Aborda então o esquema do sacrifício, o sacrifício do deus e a unidade do sistema sacrificial.

Palavras-chave: sacrifício, função social do sacrifício, sistema sacrificial

Abstract: This article take the Hubert and Mauss's concept about the sacrifice and your social function. Analyze the jewish-christian conceptions about the sacrifice at the sacred texts of the Ancient and New Testament. Broach then the sacrifice scheme, the god's sacrifice and the unity of sacrificial system.

Key-words: sacrifice, sacrifice social function, sacrificial system.

O sacrifício está presente em todas as culturas humanas: das primeiras comunidades humanas até aos nossos dias. Mas o que é o sacrifício? Um objeto é considerado sacrifício quando ele é destruído no altar (seja animal ou vegetal). Em todo o sacrifício um objeto passa do domínio comum ao religioso, isto é, ele é consagrado. Assim: "O sacrifício é um ato religioso, que, pela consagração de uma vítima, modifica o estado moral da pessoa que o realizou ou de certos objetos pelos quais ela se interessa" (HERBERT ; MAUSS, p.151).

Há consagrações que esgotam os seus efeitos no objeto consagrado, seja homem seja coisa; isso acontece na unção de um doente para que seja curado ou na consagração de alguém como rei ou sacerdote. No sacrifício a consagração vai além da coisa

consagrada, por isso ele modifica o estado daquele que fez os gestos do sacrifício, daquele que ofereceu a vítima, provocando uma transformação religiosa.

No sacrifício que se oferece quando da construção de uma casa, ela é que é afetada. Por que é necessário fazer esses sacrifícios?

A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar **para o homem antes da modernidade**; é o Universo que o homem construiu para si imitando a criação exemplar dos deuses, a cosmogonia. Toda a construção e toda a inauguração de uma nova morada equivalem de certo modo a um novo começo, a uma nova vida. (destaque nosso) (ELIADE, 1972, p. 53).

Embora o homem moderno não faça sacrifícios para habitar uma nova casa, ele costuma reunir amigos e parentes para comemorar a aquisição da casa. Eliade vê nessa prática resquícios de antigos cultos de consagração da casa.

No sacrifício a coisa consagrada serve de intermediário entre o sacrificante e a divindade. Todo sacrifício é uma oblação, isto é, uma oferenda a um deus. Há vários tipos de oblações: quando o objeto consagrado é um ex-voto, a consagração pode destiná-lo ao serviço da divindade; quando o objeto consagrado são as primícias, ficam intactas e são destinadas aos sacerdotes; quando o objeto consagrado é a vítima, ele é degolado ou queimado, em síntese: destruído.

O ritual judaico nos mostra a complexidade dos ritos e da identidade de seus elementos. O Levítico (terceiro livro do Pentateuco, isto é, os cinco livros atribuídos a Moisés), reduz todos os sacrifícios a quatro formas fundamentais: ola, hattât, shelamim e minkhã:

a) Hattât (oferta pelo pecado) – a finalidade deste sacrifício era expiar o pecado por ignorância, confissão de pecado, perdão de pecado e purificação de mácula. Cabe destacar que os elementos para o sacrifício tinham uma segmentação social. Para o sumo sacerdote e para a congregação devia se ofertar um novilho. O príncipe deveria ofertar um bode. Pessoas do povo deveriam

ofertar uma cabra ou um cordeiro. O pobre podia sacrificar uma rola ou um pombinho. As pessoas muito pobres ofereciam a décima parte de uma efa de flor de farinha. (Levítico 4.1-5.13,6.24-30;8.14-17,16.3-22) . É interessante que Mauss e Herbert afirmam que o Levítico dá uma definição muito vaga sobre o sacrifício. Os exemplos que acabamos de dar mostram-nos que o Levítico não é tão vago assim;

b) Shelamim (oferta pacífica) – é um sacrifício comunal, sacrifício de ações de graças, de aliança, de voto; era acompanhado de uma refeição comunitária. Os elementos deste sacrifício eram qualquer animal sem defeito do rebanho e uma diversidade de pães (Levítico 3; 7.11-34);

c) Minkã , é a apresentação da vítima quando ela é de natureza vegetal. O único sacrifício relacionado no Levítico onde os elementos são de natureza vegetal é a oferta de manjares. E os elementos são: flor de farinha, azeite de oliva, incenso, bolos ou obreias (cozidos, assados e fritos), sal. São elementos proibidos neste sacrifício fermento e mel. A finalidade deste sacrifício era um ato voluntário de adoração, reconhecimento da bondade e da providência de Deus e dedicação a Deus (Levítico 2; 6.14-23);

d) Ola (o envio da oferenda à divindade) onde o sacrifício era queimado por completo (holocausto) e indicava completa submissão à divindade (Levítico1;6.8-13;8.18-21.16.24). Os elementos do holocausto eram: boi, cordeiro, ou ave do sexo masculino, tudo sem defeito. No caso do pobre poderia ser uma rola ou um pombinho:

Quando mais de uma oferta era apresentada (como em Números 7.16-17) o procedimento era normalmente o seguinte: 1º) oferta pelo pecado; 2º) holocausto; 3º) oferta pacífica e oferta de manjares junto com uma libação (oferta de líquidos, em geral de vinho ou de azeite, derramados em sacrifício de dedicação a Deus) (BÍBLIA de Estudo Vida, 1999, p. 156).

Essa seqüência destaca parte da importância espiritual do sistema sacrificial que ocorria em três momentos ou fases. Na primeira fase, o pecado tinha de ser tratado (oferta pelo pecado ou oferta pela culpa). Na segunda fase, o adorador comprometia-se completamente com Deus (holocausto e oferta de manjares). Na

terceira fase, estabelecia-se a comunhão ou amizade entre o Senhor, o sacerdote e o adorador (oferta pacífica).

1 O esquema do sacrifício

No caso dos judeus, a institucionalização do sacerdócio mudou o modelo de liderança que estava em prática desde a saída do Egito. Moisés era o líder que tinha acesso direto à Divindade. Agora caberá ao sacerdote cuidar do ofício divino:

Com isso se desloca Moisés do seu papel de intermediário [...]. Não sendo Moisés santificado como sacerdote, não tem acesso ao lugar da presença de Iahweh. Coisa que corresponde a Arão e seus descendentes (PIXLEY, 1987, p. 241).

Moisés como ser humano era limitado, mas o sacerdócio como instituição ligada a famílias era um modelo para as próximas gerações.

A primeira fase do sacrifício é dá-lo à divindade. Mas eles são profanos e é preciso que eles mudem de estado, isto é, sejam sacralizados. Essa mudança é operada pelos ritos.

O sacrificante deve ser preparado, passar por uma purificação para fazer o ofício religioso:

Então farás chegar Arão e seus filhos à porta da tenda da congregação e os lavarás com água; E tomarás o azeite da unção, e o derramarás sobre a sua cabeça; assim o ungarás (*Ex.*, 29.4;7).

Suas roupas são especiais:

Estes, pois, são os vestidos que farão: um peitoral, e um éfode, e um manto, e uma túnica bordada, e uma mitra, e um cinto; farão, pois, vestidos santos a Arão, teu irmão, e a seus filhos, para me administrarem o ofício sacerdotal (*Ex.*, 28.4).

A natureza real das insígnias de Arão sugere o período pós-exílico, quando, na ausência de um rei, o sumo sacerdote se tornou uma figura semi-real (ALLEN, 1987, p. 518).

Tudo o que o sacerdote realiza é sagrado:

Assim, Arão levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do júizo sobre o seu coração, quando entrar no santuário, para memória diante do Senhor continuamente (*Ex.*, 28.29).

No caso dos judeus, o sacerdote representa todo o povo enquanto está ministrando perante o Senhor.

O sacrificador (o sacerdote), consagrado previamente, e tendo sido introduzido no mundo sagrado, conhece todos os rituais e todos os procedimentos necessários para a adoração. Por isso intermedeia a relação entre o ser humano e seu Deus.

Para que o sacrifício ocorra, não basta que o sacrificante e o sacerdote sejam santificados. O lugar do sacrifício tem que ser santo. No caso dos hebreus, todo sacrifício era realizado em um só lugar, santificado pela presença de Jeová:

E me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus vasos, assim mesmo o fareis (*Ex.*, 25.8,9).

O sacrifício precisa ter continuidade, não deve ser interrompido; deve seguir a ordem do ritual. Se as forças que estão em ação não forem dirigidas no sentido prescrito, podem se voltar contra o sacrificante e o sacerdote. É preciso que o sacrificante e o sacerdote creiam no resultado automático do sacrifício para que possam se beneficiar de seus efeitos. O ato religioso deve ser feito interligado ao pensamento religioso, isto é, atitude interna deve ser igual a atitude externa.

Todo sacrifício precisa de uma vítima. Às vezes ela é sagrada pelo seu próprio nascimento. Em geral são necessários alguns ritos para colocá-la no estado religioso, isto é passá-la do estado profano ao sagrado. A vítima não pode ter defeito, nem doença, nem enfermidade. Ela deve ter a idade, o sexo e a cor, de acordo com os efeitos que se pretenda produzir (de acordo com o que prescreve os ritos).

Os ritos do assassinio da vítima (diante do altar ou lugar sagrado) são variáveis. Mas os ritos devem ser seguidos à risca:

[...] é que pelo assassinio, libertava-se uma força ambígua, ou antes cega, temível pelo próprio fato de ser uma força era pois necessário limitá-la, dirigi-la e domá-la. Era para isso que serviam os ritos (HUBERT; MAUSS , p. 173).

Pela destruição da vítima (imolação sobre o altar ou queimando-a), o ato essencial do sacrifício estava realizado.

Os ritos eram mais simples quando em lugar de um animal, ofereciam-se farinhas ou bolos. A oblação era lançada inteira ou em partes ao fogo.

Havia também um cuidado extremo com os restos da vítima, que eram tratados com respeito religioso. Em relação á carne que restava, faziam-se partilhas. O sacerdote tirava a sua parte que era divina:

Mas quando os restos da vítima não eram totalmente atribuídos nem aos deuses nem aos demônios, eram utilizados para comunicar aos sacrificantes ou aos objetos do sacrifício as virtudes religiosas que a consagração sacrificial havia neles suscitado (HUBERT; MAUSS, p. 178).

Agora é a vítima ou seus restos que vai passar ao sacrificante as novas qualidades que adquiriu por causa da consagração, através: da aspersion do sangue, aplicação da pele, unções de gordura, do contato dos resíduos da cremação etc.

Embora os rituais sejam diversos: ritos de atribuição aos deuses e os ritos de utilização pelos homens:

[...] uns e outros são feitos das mesmas práticas e implicam as mesmas manobras [...]. Encontramos em ambos os lados a aspersion do sangue; a aplicação da pele, aqui sobre o altar ou sobre o ídolo, lá sobre o sacrificante ou os objetos do sacrifício; a comunhão alimentar, fictícia e mítica no que concerne aos deuses, real no que concerne aos homens (HUBERT ; MAUSS, p. 183).

Ambos os rituais (ritos de atribuição aos deuses e os ritos de utilização pelo homem), o objetivo é fazer com que a força religiosa, que as consagrações sucessivas fizeram acumular no

objeto sacrificado (a vítima), se comunique com o domínio do religioso (as divindades) e com o profano (o sacrificante):

Ambos os sistemas de ritos contribuem, cada qual em seu sentido, para estabelecer esta continuidade que nos parece ser, depois desta análise, um dos caracteres mais notáveis do sacrifício. A vítima é o intermediário pelo qual se estabelece a corrente. Graças a ela, todas as correntes que se encontram no sacrifício, aí unem-se. Todas as forças que para aí concorrem, confundem-se (HUBERT; MAUSS, p. 183).

Terminado o sacrifício, o grupo de pessoas e coisas que se formou pela sua circunstância, perde a sua razão de ser, mas precisa ser desfeito lentamente e da mesma forma com que foi criado: ou seja, se os ritos o criaram, só os ritos podem desfazê-lo. Os seres envolvidos no ato do sacrifício, vão abandonando a religiosidade sacrificial.

O estado religioso do sacrificante descreve, portanto, uma curva simétrica correspondente a da vítima. Começa por elevar-se progressivamente na esfera do religioso, alcança assim um ponto culminante de onde em seguida torna a descer para o profano (HUBERT; MAUSS, p. 187).

A finalidade do sacrifício é afetar o estado religioso do sacrificante, que antes do sacrifício não tem nenhum caráter sagrado. É o sacrifício que lhe concede esse caráter. A entrada no mundo sagrado deve ser feita com precaução, pois não fazê-lo com cuidado pode significar a morte. E aqui dá-se um paradoxo: se o objetivo da busca da religiosidade é adquirir vida (sal, salvação, saúde), no seu trajeto o homem cruza com a morte:

Uma campanha de ouro, e uma romã outra campanha de ouro, e outra romã, haverá nas bordas do manto ao redor; E estará sobre Arão quando ministrar, para que se ouça o seu sonido, quando entrar no santuário diante do Senhor e quando sair, para que não morra (*Ex.*, 28.34,35).

O sacrificante é a origem e o fim do rito. O ato religioso começa e acaba com ele. Em todos os tipos de sacrifício, ao final da cerimônia, a sorte do sacrificante melhorou. Ao comer a coisa

sagrada (onde se julga que o deus reside), o sacrificante absorve-o e é possuído por este.

A virtude vivificante do sacrifício não está voltada apenas para esse mundo, mas aponta para a vida futura.

2 O sacrifício da divindade

É no sacrifício de uma pessoa divina que a noção do sacrifício chega à mais alta expressão. Encontramos na História das Religiões deuses que desapareceram da Terra, porque foram assassinados pelo homem.

Eliade afirma (2004, p.91): “Assassinada in *illo tempore*, a divindade sobrevive nos ritos mediante os quais o assassinio é periodicamente reatualizado”.

Em toda a páscoa a morte e a ressurreição de Cristo são revividos dentro dos templos, nas procissões, em peças teatrais ou filmes.

Para que um deus possa descer ao ponto de assumir o papel de vítima, é necessário que haja alguma afinidade entre a sua natureza e a da vítima. O Cristo é o Deus que se fez carne e habitou entre os homens. Fez-se carne (nascendo de uma mulher escolhida especialmente para esse fim). Dessa forma, como afirma o texto sagrado: o pecado entrou no mundo por um homem (Adão) e deveria sair dele por um homem sem pecado (Jesus Cristo): “Morte em Adão, Vida em Cristo). Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram. ” (*Rm.*, 5.12 - versão NVI)

Para que ele venha submeter-se à destruição sacrificial é preciso que tenha sua origem no próprio sacrifício. Os cordeiros usados no sacrifício aarônico prefiguravam o Messias, o Cordeiro que tira o pecado do mundo: “No dia seguinte, João viu Jesus aproximando-se e disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! ” (*Jo.*, 1.29).

Para que este sacrifício se torne uma realidade, não basta que o deus haja saído da vítima: é preciso que tenha a sua natureza divina no momento do sacrifício. Segundo Mauss, morte do deus é frequentemente um suicídio. Mas no caso do Messias, Ele não cometeu suicídio mas se entregou para morrer.

O deus que se sacrifica, dá-se sem retorno. O Cristo era a vítima (o Cordeiro), o sacerdote (porque tinha o conhecimento do sagrado suficiente para que a sua morte eliminasse completamente a necessidade de outros sacrifícios. Aqui não há intermediário. Assim com a sua morte e ressurreição, o Cristo instaurou uma nova Aliança, apresentando-se como O caminho para Deus.

Mesmo que para as pessoas que estão fora do sistema religioso, o sacrifício e todos os seus ritos, pareçam ilusão. As noções religiosas, por que nelas se acredita, existem: objetivamente como fatos sociais; as coisas sagradas são coisas sociais.

Para que o sacrifício seja bem fundado:

1º) é preciso que exista fora do sacrificante coisas que o façam sair de si mesmo e às quais ele deve aquilo que sacrifica;

2º) é necessário que estas coisas estejam perto dele para que possa entrar em contato com elas; encontrar aí a força e a segurança que tem necessidade e tirar de seu contato o benefício que espera de seus ritos.

3 A unidade do sistema sacrificial

De todos os processos sacrificiais, os mais gerais, os mais ricos em elementos que se podem alcançar são de sacralização.

Em todo o sacrifício de dessacralização, por mais puro que possa ser, encontramos sempre uma sacralização da vítima. E em todo sacrifício da sacralização há sempre uma dessacralização, pois se isso não ocorrer os restos da vítima não podem ser tocados.

O sacrifício depende dos cultos teriomórficos (que têm forma de animal), pois a alma do animal é enviada a juntar-se no céu aos arquétipos dos animais e a manter aí a perpetuidade da espécie.

É um sacrifício de resgate, pois a vítima substitui o sacrificante consagrando-o e colocando sob o domínio da divindade.

O sacrifício pode desenvolver uma grande variedade de funções (expição pelo pecado, ações de graça etc).

A unidade do sacrifício aparece sob a forma de um processo que consiste em estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano, através de uma vítima (de uma coisa destruída durante a cerimônia).

O sacrifício dá uma natureza religiosa a vítima.

Uma vez consumado o sacrifício, ele ganha uma certa autonomia, da sua energia se desprendem feitos que escapam a finalidade estrita que o sacrificante consigna ao rito: o rito põe em movimento o conjunto das coisas sagradas às quais se dirige.

Para Mauss o sacrifício é uma ramificação especial do sistema de consagração; nele ocorre a relação do profano com o sagrado, que é fonte de vida e dá as condições da existência ao sacrificante.

A aproximação do profano com o sagrado, necessita de intermediários. O principal é a vítima, mas o sacerdote é uma figura importante por conhecer os ritos, isto é, a “técnica” que dá segurança ao sacrificante em sua aproximação com o sagrado.

Conclusão

Não há sacrifício onde não intervenha uma idéia de resgate.

Em todo sacrifício há um ato de abnegação pois o sacrificante se priva e se dá. O sacrifício é um ato útil, uma obrigação: quem dá recebe. Ou seja ao oferecer algo para a divindade, o religioso espera receber também alguma coisa dela: uma benção, a saúde. E no nosso mundo pós-moderno essa relação vem tomando contornos de uma negociação com o sagrado. Pois o ser humano pensa o sagrado a partir das relações que ele estabelece com o seu mundo. Em nosso mundo capitalista e globalizado, o ser humano vale por

ser consumidor ou não. Há cultos onde o sacrifício se transforma na oferta (em dinheiro) que o homem religioso deixa no templo – assim o indivíduo vai ao culto não para adorar a Deus, mas vai em busca de uma solução para o seu problema. Neste caso o fiel desaparece e em seu lugar surge o consumidor do sagrado. Mauss já afirmava que o sacrifício tem alguma coisa de contratual. Mas no séc. XXI já existe a relação em que o sacrifício se transforma em investimento no sagrado. Assim pessoas buscam supermercados da fé, onde negociam o sagrado – não querem uma relação profunda com a divindade, esperam que a divindade lhes dê o que precisam saúde, emprego, um carro novo etc. E os supermercados da fé nem pregam mais a salvação e sim a libertação dos demônios, do mau-olhado, da miséria etc.

Para que o sagrado subsista é necessário que lhe dê a sua parte (e é dos profanos que isto vem).

Qual é a função do sacrifício? Para Mauss é uma função social porque o sacrifício se refere as coisas sociais. Ele renova periodicamente a coletividade (representada pelo seu deus): pois reveste de uma autoridade social, seus votos, seus juramentos, seus matrimônios. E cercam de uma aura de santidade os campos que lavram, as casas que construíram, as lojas, fábricas e outros meios de produção que o sacerdote sacraliza com a sua benção ou a água benta.

Através do sacrifício restabelecem os equilíbrios perturbados: pela expiação (resgatam-se da maldição social), o homem passa a viver em paz com os seus (relação horizontal) e com Deus (relação vertical).

Referências

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico: Velho Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

BÍBLIA de Estudo Vida. 2. impressão. São Paulo: Ed Vida, 1999.

BIBLOS. **Bíblia nova versão internacional (NVI)**. São Paulo: Vida Nova, 2005.1 CD-ROM.Windows XP.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Lisboa: Editora Livros do Brasil. 1972.

HERBERT; MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

PIXLEY, George V. **O Êxodo.** São Paulo: Paulinas, 1987.

**Jair Gomes de Santana*

Licenciado em História pela UFPE, Especialização em História de Pernambuco, pela UFPE, Mestrando em Ciências da Religião, pela UNICAP.

Endereço para contato:

e-mail: jairgomessantana@hotmail.com, jgsantana@oi.com.br